

## Maré Rainha

Os residentes da ilha não a esperavam, mas uma resposta rápida salvou das ondas a maioria das casas – por enquanto

No passado, o povo Manus, da região da Ilha de Manus em Papua Nova Guiné, olhavam para os céus para decidir quando podiam pescar ou viajar com segurança. Mas na última década, as marés têm subido e tanto cientistas quanto moradores das ilhas dizem que a mudança climática está cada mais evidente, na forma de ventos caóticos e fora da época, chuvas imprevisíveis e tempestades mais intensas. “Não podemos chegar até nossas áreas de pesca com segurança”, afirma o morador John Semio (Manus). “Vemos que agora a vida é muito mais difícil.” Nenhum elemento em sua história preparou o povo das ilhas para a fúria sem precedentes da tempestade do ano 2008 que eles chamam de Maré Rainha.



Papua Nova Guiné

Fotografia: Nicolas Villaume

Legendas: CWE

2009 - [www.conversationsearth.org](http://www.conversationsearth.org)



Isla Manus , Papua Nueva Guinea

Arqueólogos dizem que a Ilha Manus, localizada na costa norte de Papua Nova Guiné, ao norte da Austrália, é habitada por mais de 25.000 anos. Manus possui uma tremenda diversidade biológica e ricas tradições culturais. “A vida era boa”, afirma John Semio. “Usávamos o vento, éramos capazes de prever o tempo, sabíamos quando ia chover.”



Posakei Pongap, Aldeia de Lawes, Ilha Manus, Papua Nova Guiné

Há trinta anos atrás, havia aqui uma mata de palmeiras sago, lar de uma população abundante de marsupiais que vivem em árvores. A chegada de água salgada envenenou as raízes das palmeiras, e agora a maré baixa revela uma paisagem que parece um cemitério. “Esse lugar era lindo, mas agora não é mais”, afirma uma anciã da comunidade, Posakei Pongap.



Muleu Kiteuluwe, Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné



Rosa Solomon (Manus) e seus filhos, Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné

Solomon Pokayeh e Rosa Solomon viviam numa casa tradicional de folhas de palmeira com seus seis filhos. Solomon lembra, “Corremos. As ondas entraram na casa. Tentemos desmontá-la e levá-la mais pra dentro da ilha, mas vimos que não havia esperança. Agora estamos dormindo nessa barraca emprestada; não é uma boa sensação.”



Amos Tapo, Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses ocuparam a Ilha de Pitilu até serem expulsos pelas forças estadunidenses, que deslocaram os residentes que ainda restavam, cortaram toda a vegetação e criaram uma base militar. Asfaltado e envenenado, o solo ainda não se recuperou, privando os moradores do seu sustento tradicional. “Quando conseguimos voltar, não havia mais nada”, conta Amos Tapo, de 82 anos, um dos homens mais velhos da ilha. “Os japoneses, os americanos e os australianos simplesmente destruíram toda a nossa terra, e eles não estão mais aqui. Esta não foi minha guerra. E agora [esses países] devem assumir a responsabilidade de me ajudar nesse tempo de mudança climática. Não sou eu a causa de tudo que está acontecendo. Eu sou um homem inocente.”

Na Província de Manus, dezembro é uma época de tempestades. Mas nada – nem na memória viva, nem no folclore – se parece com a tempestade que começou no dia 9 de dezembro de 2008. Por quatro dias, a Maré Rainha arrastou as margens da ilha para o mar; dizimou os habitats de peixes, tartarugas e crocodilos; e traumatizou a comunidade. Na Ilha de Pitilu, destruiu casas e forçou famílias a se deslocarem. “Ficamos muito tristes de sair daqui”, afirma Hanna Muleu. “A família toda vivia em casas vizinhas até dezembro, mas agora estamos separados. Sentimos que não é mais seguro viver nessa ilha.”



Jovem Manus, Ilha de Ahus, Papua Nova Guiné



Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné



John Pondrein, Ilha de Pitilu, Papua Nova Guiné

sabemos. Faz muito mal para nossos recursos. Agora você pode ver aqueles árvores grandes deitadas, foram derrubados pela Maré Rainha. Agora, até a forma da nossa ilha está quase sempre diferente. Quando o mar grande, quando a Maré Rainha ou os maremotos nos atacam, podemos ver a areia na praia movendo de um ponto da ilha a outro. Acontece mais no mar, como nos nascedouros. Está cheio de areias brancas. Assim o mar fica muito, muito difícil para nós. Então sabemos que vocês, países maiores, estão causando danos a nossas ilhazinhas. Então, estou apelando a vocês, por favor, precisamos de sua ajuda.

Queremos reconstruir nossa ilhas, mas como? Precisamos de dinheiro. Sabemos que esse assunto da mudança climática veio para ficar. Aonde podemos ir? Vocês podem nos ajudar? Favor, construam um dique. Queremos que nosso dique seja reforçado com... não sei o que. Mas o problema aqui é quem pode nos ajudar? Então, se vocês, os países grandes, estão causando os danos, favor ajudem-nos com assistência. Queremos minimizar um pouco, construir uma cerca ou um muro em volta da ilha. Podem nos ajudar?

Em segundo lugar, quando acontece um desastre, a primeira coisa que enfrentamos são problemas com água e comida. Água é um grande problema agora. Já recebemos o recado que até o ano 2011 ou 2012, estaremos enfrentando El Niño, talvez haverá uma seca de quase um ano e vamos precisar de água.

Agora temos 50.000 litros de água [armazenados] no solo, vocês podem nos dar algumas cisternas ou alguma coisa desse tipo? Precisamos de água para nos preparar para os anos 2011 e 2012, para a época de El Niño. É esse o recado que já recebemos. Agora estou lutando para encontrar alguns tanques de água. Pois no momento tenho 50.000 litros no solo, que não são suficientes. Não conseguimos mais 50.000 litros. Por favor, países grandes: são vocês que me deram todo seus problemas. Não podem dar uma mão para mim e a minha ilhazinha?”

Movidos pelo trauma da grande tempestade e a consequente incerteza, os dirigentes da Ilha de Ahus estão negociando um deslocamento geral para a ilha principal. Esse plano foi iniciado devido às elevações do nível do mar, mas ganhou apoio depois Maré Rainha, especialmente entre os jovens.

A ideia de deslocar é dolorosa para muitos. John Pondros (Manus) afirmou com simplicidade, “Eu não vou. Talvez seja o plano de Deus destruir a terra. Mas o meu lar é aqui, e este é o lar do meu bisavô. Eu vou mudar meus filhos. Talvez meus netos venham me visitar. Mas por mim, eu vou morrer aqui na ilha.”

Apesar dos vários desafios que têm enfrentado, o povo da Província de Manus, Papua Nova Guiné, continua a viver do mar. Usam as canoas que eles mesmos fazem, tecem redes e cestas complexas, e praticam métodos de caça com armadilhas em constante evolução. Eles comem e vendem frutos do mar. O fato de estarem em harmonia com os ritmos do Pacífico Sul os deixa mais vulneráveis à mudança climática. Mas o povo da Província de Manus é arautos da família humana em todos os lugares, inclusive aqueles vivendo no mundo industrial.

“Meu nome é John Pondrein. Sou conselheiro dessa ilha. Está na Província de Manus, PNG [Papua Nova Guiné].

“Para aqueles que não sabem onde fica PNG, é no Oceano Pacífico. Um dos países das Ilhas Pacíficas. Temos um problema muito grande nessa ilha. Desde nossos ancestrais antes nessa ilha, migramos da ilha principal até a Ilha de Manus, a essa ilhazinha. Vivemos nessa ilha há muitos e muitos anos, eu nem sei por quantas gerações passadas.

“O meio de sobrevivência nessa ilhazinha, vivemos no mar. Que agora é um grande problema na nossa ilha. Nos alimentamos do mar. Pescamos e vendemos o que está no mar para sustentar nossa vida. Pegamos essas comidas no mar, remamos até a ilha principal para trocar por frutas e legumes. Agora, por causa desse assunto da mudança climática, agora há um problema que temos nessa comunidade: o mar tem mudado, mas não como antes.

“Antes, quando vamos ao mar, é muito fácil pegar um peixe. Mas hoje é muito, muito difícil. Também, tem ondas grandes, talvez ondas como a Maré Rainha, não

Mary Nating ajudou a evacuar e reassentar alguns lares depois de a Maré Rainha abater a Ilha de Pitilu. “Esta foi a primeira vez que a minha velha mãe presenciou algo assim. Foi muito triste. Mães e nenês correndo por todos os lados, chorando. Como eu – a onda quebrou bem na minha frente na praia. Entrou direto na minha casa. Eu gritei: ‘Onde posso ir agora?’ Não conseguimos dormir durante a noite, sabendo que se esse tempestade continuasse, poderíamos perder nossas vidas.”